

# GUILHERMINA SUGGIA NUM LIVRO ESPLENDOROSO

*Biografia da genial violoncelista  
escrita por Fátima Pombo*

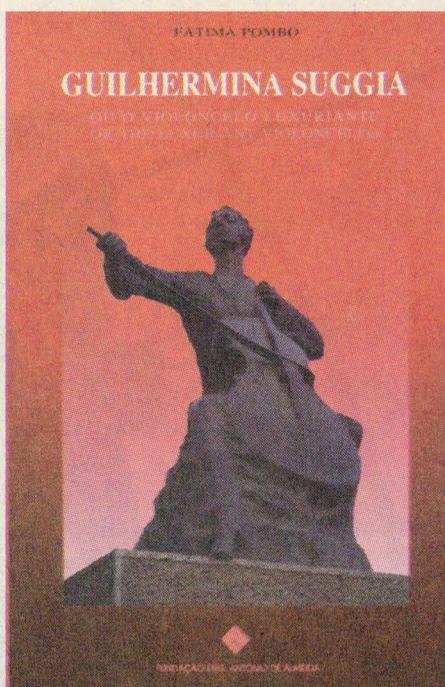
**É um livro de 400 páginas, bilingue (português e inglês) cuja leitura é difícil interromper. A vida, as fotografias, as cartas, a cronologia dos concertos — e também o génio, a paixão e o sofrimento — num título extremamente feliz: "Guilhermina Suggia ou o violoncelo luxuriante". As primeiras 80 páginas são um olhar sobre a vida da artista. Apaixonantes.**

**José Gomes Bandeira**

**D**eve-se à Fundação eng.º António de Almeida a edição de "Guilhermina Suggia ou o violoncelo luxuriante", o que representa mais uma homenagem desta instituição, a juntar à estátua (de Irene Vilar) inaugurada há quatro anos, em memória da artista portuense, nascida (1885) na freguesia de S. Nicolau e falecida na sua casa da Rua da Alegria em 1950. É justo, no mínimo, que se registre o nome de quem não esquece uma das grandes figuras, como intérprete, do panorama musical deste século. "Guilhermina" (Suggia), que é também título de um romance de Mário Cláudio, está ainda longe de ser tratada na sua terra natal com a atenção e o carinho devidos à sua obra, como legado cultural em que a cidade se devia rever. No calendário musical portuense não se conhece nenhuma iniciativa que recorde o nome desta violoncelista, que durante meio século emocionou as plateias das grandes salas de toda a Europa, enquanto os críticos lhe chamavam genial e os governantes, presidentes e famílias reais a queriam conhecer e felicitar. As frequentes "tournées" de Suggia foram verdadeiras apoteoses.

A dr.ª Fátima Pombo (cursos de Filosofia e de Música) construiu o seu livro de uma forma extremamente cuidada. "Guilhermina Suggia ou o violoncelo luxuriante" é um título perfeito para o sentimento, a paixão e a sensualidade das interpretações da artista portuense — o som parece "vir directamente dela, sendo o violoncelo apenas o mensageiro", comentava-se no auge da sua relação tumultuosa com o primeiro marido, Pablo Casals. Essa presença do corpo na arte de Suggia é, aliás, um dos aspectos mais fascinantes do livro onde as páginas, belíssimas, que a escritora dedica ao famoso retrato pintado em 1923 por Augustus John (hoje na Tate Gallery, de Londres) exprimem bem esse estado de constante paixão que atravessa a vida e a obra de Guilhermina.

A edição simultânea em português e inglês, numa construção exemplar, deverá entender-se também como uma justa homenagem a uma das memórias que este livro — todo ele, aliás, tanto na escrita como nos elementos que o constituem, desenhado com carinho e rigor nítidos — melhor soube preservar e transmitir: a ligação de Suggia à Inglaterra, um dos países que mais a amou e mais apaixonadamente a aplaudiu. Fátima Pombo trata ainda com grande cuidado o início da carreira de Suggia: os concertos em Matosinhos (aos sete anos), no Palácio de Cristal, no célebre Orpheon Portuense, no Palácio das Necessidades, em Lisboa (começa aí, com a

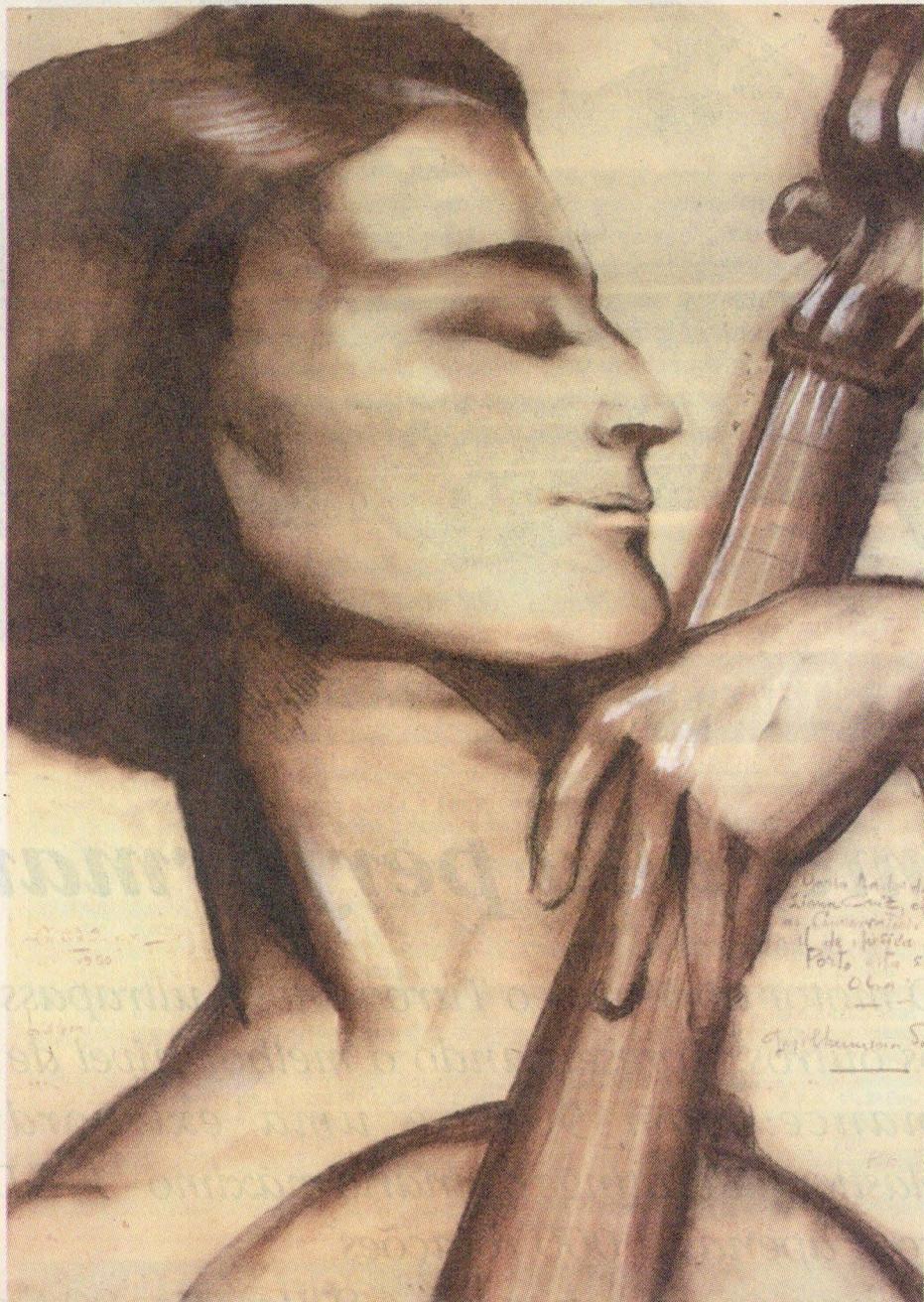


rainha D. Amélia, a bolsa que a levará até Leipzig), o encontro com Pablo Casals em Espinho (em 1898, tinha o catalão 22 anos) e a sua partida para os estudos na Alemanha. De uma forma atraente, recusando a habitual monotonia das "teses", este livro reúne uma documentação espantosa (além das cartas e fotografias, há os documentos pessoais e uma panorâmica da Imprensa, portuguesa e estrangeira) que o tornam um valioso contributo para o conhecimento e o estudo de Suggia, que Fátima Pombo nos revela como uma mulher e uma personalida-

de verdadeiramente invulgar, no fulgor do seu génio e na intensidade das suas relações com a música e com o Mundo.

Em Villa Molitor, nos tempos de Paris, na casa de Suggia e Casals, as presenças mais frequentes tinham nomes como Degas, Henri Bergson, Romain Rolland, Thibaud, Ravel, Schoenberg e Saint-Saëns. Estamos no primeiro capítulo do livro, magnificamente intitulado "Concerto para dois violoncelos" e Fátima Pombo revela-nos: "É aqui, finalmente, que é possível ter também um endereço de Guilhermina Suggia. Bastava escrever o nome dela ou o de Pablo Casals e Villa Molitor, e sabia-se que as palavras chegavam lá". "Na Villa Molitor sucedem-se os solos de violoncelo" e Casals "teme as repercussões do fascínio (de Suggia) sobre os outros homens"...

Depois de ler este capítulo já não paramos. Vamos então poder conhecer a filha do violoncelista Augusto Suggia, natural de Lisboa, professor e músico no "S. Carlos" e que cerca de 1890 veio viver para Matosinhos. Foi com o pai que "Guil", como ele gostava de chamar, aprendeu as primeiras notas. Quando faltarem menos de dez páginas para fechar o livro teremos uma lição de "Guil", escrita em Londres, para a "Music Letters", em 1921: "Tocar violoncelo". Então será talvez o momento para recordar a citação que ficara no início desta obra: "Nada se pode explicar com palavras" (Francis Bacon).



G.Suggia, por M. Adelaide Lima Cruz (1950)- oferta ao Conservatório de música do Porto